novembro 69 nº4

O COMUNISTA

1,50

REFORMISMO ou REVOLUÇÃO?

OS PROJECTOS REFORMISTAS

1. "É necessário que o Governo aceite o dualismo" — disse Mário Soares, chefe da Social-democracia Portuguesa. As posições dos "socialistas" já se apresentavam suficientemente claras, através de declarações de fé ultra-reformistas, através de propostas neo-colonialistas como solução para as guerras de libertação de Angola, Guiné e Moçambique. Mas a partir de agora a linha estratégica da Acção Social está definida: formação dum partido único que junte todos os oposicionistas, representado no Parlamento, colaborador do statu quo; as eventuais divergências dos oposicionistas serão discutidas dentro do partido (e, para isso, permitir-se-á, à semelhança dos Trabalhistas Ingleses ou dos Socialistas Italianos, a formação de fracções ou tendências de esquerda), e a reacção contra o Governo passar-se-á, sistemàticamente, à volta das urnas, dos votos, da conquista dum lugar de Presidente da Câmara, etc..

Luta por percentagens de votantes, contestação puramente intelectual e cultural, recriação do interesse nacional(1), apoio oportunista a uma ou outra tendência mais activista (2).

A curto prazo, o que vai criar, internacionalmente, a realização deste plano? O aparecimento, ou a legalização desta "Oposição", vai convencer toda a gente da implantação duma democracia burguesa em Portugal. São esquecidos os crimes de Portugal em África (qual é a democracia burguesa de mãos limpas e não comprometida em crimes colonialistas e imperialistas?), a perseguição à extrema-esquerda aparece justificada como um correctivo indispensável a rebeldes infantis, inexperientes, dogmáticos, sectários, etc. (qual é a democracia burguesa que não persegue os verdadeiros revolucionários?).

Em poucas palavras: o Governo de Marcelo Caetano estabiliza-se, ultrapassa a crise de transição, e pode efectuar, mais à vontade (porque a opinião pública está preparada para isso), o prosseguimento duma linha de exploração burguesa.

Objectivamente: o aparecimento dum partido único da "Oposição" serve os desígnios do Governo; o perigo é a proliferação de tendências que pretendem impôr a verdade da sua linha, teórica e pràticamente.

Notas:

1) "A solução para o problema colonial não é a guerra nem o abandono" - declaração da CEUD; o quer dizer, muito claramente: formação duma comunidade luso-africana, onde os povos de África possuirão autonomia (ou mesmo independência); o que significa a organisação dum Commonwealth à maneira britânica, garantia de continuidade da exploração desses povos sub-desenvolvidos pelos antigos colonos.

2) Não estará fora da linha da ASP o apoio a golpes de violência ou acções que provoquem, pelo seu sensacionalismo, uma certa propaganda a uma utópica Oposição Portuguesa, unida e sem conflitos internos. O que é necessário é que a violência não seja acessível ou não seja "praticável" pelas massas trabalhadoras; nesse caso aparece o perigo dos aparelhos de Partido serem ultrapassados, "o poder cai na rua", e lá se vai por água abaixo o sábio contrôle exercido pela "Oposição" sobre as massas trabalhadoras, "inconscientes e desorganisadas"...

SUMÁRIO

REFORMISMO OU REVOLUÇÃO?

MASSACRES EM ANGOLA

LUTA DE CLASSES EM ITALIA

PALESTINA

NOTÍCIAS BREVES

HO CHI MINH

A LIÇÃO DAS ELEIÇÕES

2. Ora essa proliferação de tendências já existe; a festa eleitoral, se algum interesse teve, foi terminar com a "unidade" oposicionista, mito e logro acarinhado anos e anos pelos reformistas.

A vitória da CDE sobre a CEUD (sigla que representou a tendência social-democrata), é significativa e importante, na medida em que se demonstrou que as tendências de actividade políticas através de reformas e de pacifismos não são do agrado da maioria da "Oposição" Portuguesa (3). O que quer dizer que a vitória da CDE não significa também uma aderência ao P."C."P.; ou, pelo menos, não significa uma aderência aos habituais processos de trabalho desse partido.

3. O rompimento da "unidade" obrigou o P."C."P. a patrocinar uma actividade mais à esquerda, para se demarcar do trabalho de Mário Soares e companhia. A actividade na base exercida pela CDE, apesar de não ter sido dirigida e orientada pelo "partido comunista" (4), foi tolerada por ele.

Essa actividade intensa seguiu várias vezes a linha de desmistificação das "eleições" como processo válido de resolver os problemas do nosso país, e atacou corajosamente o problema colonial; estes desvios "esquerdistas" parecem provar o pouco controle exercido pelo P."C."P. sobre a maioria dos deputados da CDE.

4. Apesar destes aspectos positivos, a festa eleitoral, analisada sob um ponto de vista revolucionário, não passou de mais uma farsa que se receia destinada ao eterno ressuscitar de quatro em quatro anos, tubo de escape para a frustração política do povo Português.

Na verdade, nem uma insignificante manifestação de rua, nem uma acção violenta (5) foi realizada durante este período; "eleições na ordem e na dignidade", anunciaram com júbilo os orgãos da imprensa Portuguesa e internacional.

5. A ida às urnas, a sujeição ao voto, a legitimação assim dada de bandeja ao colonialismo e à reacção burguesa, foi decidida por esmagadora maioria da "base". O que não quer dizer que as pessoas acreditem nas eleições; o que significa, antes, que a vontade de agir é tanta, que até o voto aparecia como arma revolucionária.

6. E no dia 26 de Outubro, os cidadãos foram ordeiramente às urnas. A votação foi (Continente e Ilhas Adjacentes):

Eleitores inscritos	:	1.809.780	
Votantes	:	1.114.846	(61,6 %)
União Nacional	:	980.800	(88 %)
C.D.E.	:	111.095	(10 %)
C.E.U.D.	:	20.654	(1,8 %)
C.E.M.(monárquicos)	:	1.352	(0,1 %).

Quem ganhou as "eleições"? A vitória esmagadora pertenceu ao "partido da abstenção", e não ao Governo nem aos "oposicionistas". 40% dos oposicionistas autorizados não votaram, demonstrando assim que a linha eleitoral, legalista, reformista, perdeu (se alguma vez a possuíu!) a relativa atracção que poderia exercer nas massas.

As cartas estão na mesa: os operários e os camponeses não são chamados ao jogo eleitoral, são os bastardos do país, escravos que produzem e sustentam nos ombros o ócio e a exploração burguesas. A "esmagadora" vitória" da União Nacional não significa senão a natural aderência da burguesia à exploração e aos crimes do colonialismo. Os votos da C.E.U.D. provêm de camadas burguesas intermédias que aspiram ascender ao neo-capitalismo e ao neo-colonialismo - renovação da dominação burguesa sob uma forma mais hábil e evoluída, continuidade do saque aos trabalhadores Portugueses e Africanos, evitando os perigos da violência revolucionária. Os votos da C.D.E. provêm de camadas pequeno-burguesas, de intelectuais e de trabalhadores ainda presos aos velhos mitos da chegada ao socialismo por meios pacíficos.

A palavra de ordem "eleições-traição" foi atacada por vários sectores, como não tendo em conta uma análise realista da actual sociedade Portuguesa; se essa palavra de ordem é pouco realista, dado o seu simplismo (e esse foi o motivo por que nós não a adoptamos) menos realista é a directriz de "participação nas eleições".

Vejamos: o apelo ao abstencionismo por parte dos revolucionários, não pode ser confundido com a abstenção proposta pelo Directório Democrato-Social; na verdade, o que foi proposto no comunicado-cartaz de "O Comunista" (e em outras publicações clandestinas que circulam no interior do país), foi uma abstenção de carácter activo - o período eleitoral teria de ser aproveitado para actividade política, "pois não podemos deixar passar nenhuma oportunidade de fazer propaganda contra o governo que oprime a classe trabalhadora" (in "O Comunista"). O aproveitamento desse período compreenderia funções e tarefas concretas, englobando a consciencialização política, a organização de comissões operárias, comissões de camponeses, grupos revolucionários estudantis, e a utilização duma polémica de conteúdo marxista-leninista dentro das comissões eleitorais. Atacar o eleitorismo e organizar novas formas de luta, significa fazer perder as ilusões legalistas ao trabalhador Português; trata-se duma abstenção activa que prepara a futura acção revolucionária o que é a antítese da "digna" abstenção de Cunha Leal e quejandos, oportunista e desmobilizadora.

Se a abstenção activa não atingiu o nível de uma prática eficaz, isso só prova a actual desorganização da extrema-esquerda portuguesa. A verificação desse falhanço deve impelir-nos para o caminho da organização, e não para a revisão dessa posição política, único caminho possível para a consciencialização e enquadramento dos explorados portugueses.

CONCLUSÕES

CONCLUINDO, a traços gerais:

a) as "eleições" favorecem a propaganda e a demagogia do Governo. Os comentários dos jornais portugueses ou estrangeiros são significativos: "esmagadora vitória do partido de Marcelo Caetano, nas primeiras eleições livres que Portugal conheceu";

b) Mário Soares e o seu grupo, iniciaram a actividade reformista que os colocará definitivamente como colaboradores da dominação burguesa;

c) o trabalho de base exercido pela C.D.E. é, objectivamente, aproveitável para uma acção revolucionária;

d) o grande falhanço da campanha eleitoral, foi a ausência de "salto" qualitativo; para abrir um caminho revolucionário, não basta exercer muita actividade. Neste caso concreto, faltaram a acção violenta correcta e a luta de massas, factores que iriam dotar de uma qualidade superior a quantidade de trabalho efectuado;

e) os trabalhadores Portuguesas ficaram e ficarão sempre alheados ao "movimento de voto", o que não quer dizer, necessáriamente, alheados a formas de luta superiores e mais radicais (6);

f) sem organisação, nunca a extrema esquerda se poderá afirmar. Não basta lançar palavras de ordem correctas, é necessário assegurar a prática correspondente.

Terminaremos realçando que o reformismo não conseguiu a infiltração que desejava nas massas, o que significa que a

NOTAS

3) Notemos que esta tendência se verificou mesmo no seio desta "força oposicionista" - selecção feita pelo Governo dos portugueses mais "idóneos e com mais sentido das responsabilidades", mais afastados de desmandos e desvarios - em suma, selecção dos portugueses que, em princípio, só aceitam o jogo legal do voto, e que, por isso, são autorizados a votar.

4) De notar o dinamismo ostentado pelos católicos de esquerda, e por outros elementos progressistas isolados.

5) E as acções violentas, pelo menos de auto-defesa, apareciam absolutamente justificadas pelos ataques da Legião Portuguesa e da PIDE (dirigidos pelos chefes Sachetti, Tinoco, etc.), aconhecidos elementos da "Oposição" e à sede da CDE.

NOTA

6) Como provam as gréves que se verificaram no decorrer do ano, e como prova a recente gréve (com início no dia 12 de Novembro) de 4.000 operários da Lisnave, em Lisboa.

MASSACRES EM ANGOLA

Todos compreedem que o problema colonial é grave para o Governo Português, que o problema colonial é um campo de acção a explorar pelos revolucionários, mas a verdade é que nunca se exerceu uma política e uma acção firmemente anti-colonialista. As deserções nunca atingiram um grande número e a maioria das vezes são desprotegidas, e as manifestações contra o Governo colonial deram-se uma ou duas vezes. Confessemos que é muito pouco para OITO ANOS de guerra.

Nós sabemos que o apelo à deserção tem de ser acompanhado de garantias de estabilidade futura, social e económica, para o desertor; nós sabemos que a deserção só atingirá um nível elevado e por conseguinte prejudicial para o exército Português, se for exercido um bom trabalho de consciencialização política, e se a saída do país estiver tècnicamente assegurada. Uma das tarefas actuais dos nossos militantes é, precisamente, a de conseguir montar todo o aparelho indispensável para a realização duma acção eficaz nesse sentido.

No nº 2 de O COMUNISTA sugeriram-se acções concretas, como: tentativa de agrupamento de todos os revolucionários Portugueses em torno duma tarefa comum — a luta anti-colonial —, com a criação de comités de auxílio aos guerrilheiros de Angola, Guiné e Moçambique, criação de comités de soldados e de oficiais milicianos que actuem dentro do exército, organização de acções violentas contra objectivos militares, e deserção depois de cumprida a recruta, roubando material de guerra.

Dentro de uma acção anti-colonialista consequente, tem um lugar importante a denúncia dos crimes de guerra cometidos (ou protegidos) pelo Exército Português, "defensor da civilização cristã e ocidental".

Começamos, por isso, a publicação de testemunhos provenientes do campo de batalha. Claro que a origem destes dados é rigorosamente clandestina, e assim se procederá sempre com outras informações que recebermos.

Os objectivos que tentamos são os de alertar a opinião pública nacional e internacional, e colocar do nosso lado muitos jovens hesitantes diante da justeza ou erro da palavra de ordem DESERÇÃO SEMPRE, EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS.

Parece ser claro, perante o que se descreve a seguir, que não há possibilidade de tornar aquela guerra mais humana, e que só a não participação nos crimes do Gov. Português pode acelerar a vitória dos nossos camaradas de Angola, Guiné e Moçambique.

- Dezembro de 1966. Nova Lisboa

"Um soldado recruta negro foi descoberto a roubar uma arma, pelo 1º cabo da arrecadação; este cabo conseguiu abatê-lo com um tiro, e capturar um cúmplice. Para que este falasse (assim como o que tinha sido morto, não sabia falar português), foi submetido a torturas, como: esquartejamento por meio de navalhas, chicoteamento, palmatória, cigarros em brasa pelo orifício do sexo, etc.. Colocado diante da Companhia de soldados negros, denunciou mais de 20 indivíduos (e os oficiais encarregaram-se de desconfiar de mais uns 10). Todos negaram sempre qualquer ligação com a guerrilha. Mas as torturas sucederam-se, requintadas e ferozes: atiravam-lhes álcool para cima e pegavam fogo; um soldado morreu assim, queimado vivo, e outros ficaram com queimaduras gravíssimas.

Eram deitados em cima duma marquesa, e metiam-lhes cigarros a arder pelo ânus; receberam sovas monumentais, normalmente com chicote e palmatória; depois foram cortados por todo o corpo, com navalhas, etc..

A seguir todos foram entregues à PIDE, e todos foram absolvidos, não sendo declarada culpabilidade a nenhum, e descobrindo-se que o roubo da arma seria um facto acidental para roubar dinheiro.

Resultado: a maioria foi solta e passou à disponibilidade, desconhecendo-se o que lhes aconteceu. (Teriam sido abatidos?).

Os que continuaram no Exército foram enviados para zonas de guerra, sempre com informações denunciando-os como indivíduos perigosos.

Responsáveis?

Todos estes factos se passaram com conhecimento do Comando, então dirigido pelo Brigadeiro Garoupa. As torturas foram chefiadas pelo Tenente miliciano médico Vicente, que pertencia à PIDE. Principais executantes das torturas: Capitão miliciano Meneses, indivíduo que na sua acção de "pacificador" costumava incriminar as missões Protestantes, dado o carácter relativamente progressista que eles possuíam; Tenente Leal; Alferes Covas.

1966/67. Planalto do Huambo

Os comerciantes da zona enterraram Africanos para os obrigarem a fornecer os produtos da sua lavra a um preço irrisório; as autoridades tiveram conhecimento destes factos. Não agiram.

1967. Luanda

Foi montada a SCIA, junto do Governo-Geral, organização de carácter psico-social para promover o progresso da comunidade Africana. Tentava-se assim, a captação de elementos, através de jornais, organizações operárias, promoção social e cultural do negro, etc.. Toda esta actividade era secretamente subsidiada pelos brancos. Quando foram descobertos os elementos mais activos, mais politizados (ou com maiores possibilidades de o virem a ser), foram metidos num avião e atirados para o Atlântico. Foram cerca de meia centena os sacrificados por este trabalho legal. Claro que os nove indivíduos que tinham sido utilizados como isca para esta acção, também não foram poupados pela campanha de "purificação ideológica".

1966. Teixeira de Sousa

A verdade sobre o célebre ataque do dia 25 de Dezembro, em que foram mortos um agente da PIDE e cerca de 600 negros:

guerrilheiros da UNITA atacaram Teixeira de Sousa para impedir a cons

maioria dos trabalhadores continuam mobilizáveis para outras formas de luta.

Sobre o problema do eleitoralismo, se ainda há dúvidas sobre a justiça da opção revolucionária, lembramos a posição de Lenine-:

> "Só os celerados ou os parvos podem acreditar que o proletariado deve primeiramente conquistar a maioria participando nos votos efectuados sob o jugo da burguesia, sob o jugo da escravatura salarial, e só depois conquistar o poder. É o cúmulo da estupidez e da hipocrisia; é substituir a luta de classes e a revolução por votos, sob o antigo regime, sob o antigo poder".
> (Saudação aos Comunistas Italianos, Franceses e Alemães).

Do lado não-voto, a esmagadora maioria do povo Português; do lado da abstenção, os desiludidos, os desencantados, a grande massa dos trabalhadores e os revolucionários.

Somos a maioria: organisemo-nos, e venceremos!

trução de um aeroporto;capturaram um chefe da PIDE e executaram-no, acção que devemos considerar absolutamente correcta, dada a acção criminosa exercida pela polícia política Portuguesa no seio das populações Angolanas.

O director da PIDE de Teixeira de Sousa, ALVES, conseguiu arrastar toda a população, que arrasou tudo o que se encontrava à volta, exterminando populações indefesas que não tinham a mínima ligação com a actividade dos guerrilheiros da UNITA. Este directorda PIDE é responsável por todo o ambiente de emotividade que reina nesta população, que ele controla a todos os néveis; é um indivíduo extremamente perigoso, que prefere como tortura o esquartejamento pormenorizado do corpo: nariz, orelhas, língua, testículos, dedos, etc..

1966/67/68. Zona de Alto Chipaga

Esta área imensa foi controlada pelo capitão miliciano MALHEIROS,que trabalha actualmente na PIDE, em Luanda. Quando foi nomeado responsável desta zona, terminou com a acção psico-social (tentativa de recuperação dos Africanos, por parte das autoridades Portuguesas). Nessa área havia populaçõ-es que tinham prestado auxílio à UNITA (outra organização que actua em Angola, álèm do MPLA),cedendo,principalmente, géneros alimentícios;contra as ordens do Exército, que ainda tentava a recuperação dessas populações, o Capitão Malheiros organisou massacres em que toda a Companhia tomava parte. Os seus instintos criminosos levaram-no à invenção dos processos mais repugnantes de tortura e de assassínio; refira-se, no entanto, só o seu sistema preferido: a população era posta em fila indiana, e cada Africano era obrigado a matar (com uma corda, por enforcamento) quem estava diante dele;e assim, o filho matava o pai, a mãe o filho, as famílias aniquilavam-se entre si - até que restava um. Esse que sobrava era perseguido por toda a Companhia até ser morto à facada; o herói que o assassinava ganhava um prémio.

Estas acções foram dirigidas e repetidas por esse Capitão Malheiros durante mais dum ano, até entrar ao serviço da PIDE, em Luanda. Este mesmo indivíduo aparece ainda com a mesma actividade na área do LUBALO.Pela sua influência levou a Companhia do Lubalo a executar crimes e morticínios em que se distinguiu o Alferes LOIO

1968 (Março). Lago Dilolo, perto de Teixeira de Sousa

Depois dum ataque do MPLA, em que morreram 1 alferes e 7 soldados,o exército e a aviação lançaram granadas de fumo sobre uma população vizinha,obrigando-a a sair das cubatas; a seguir foram todos metralhados e mortos.

1968/69. Lumege

Responsável da zona: Capitão Brito e Faro.

Durante mais de um ano autorizou fomentou e colaborou em massacres à população, com o apoio e incentivo do agente da PIDE MARTINS.

Os massacres obedeciam ao esquema habitual: o exército rodeava a sanzala, deitava fogo às cubatas, e quem saísse era morto a tiro ou à facada.

Opôs-se violentamente a estas acções o Alfesres PAIS, ameaçando o Capitão BRITO e FARO de insubordinação. A população branca, encabeçada pelo agente da PIDE MARTINS, fez um abaixo-assinado pedindo a transferência, ou mesmo prisão, desse alferes. Estava o processo pendente quando o alferes PAIS morreu em combate, uma semana depois de ter assumido uma das raras posições dignas dos oficiais Portugueses em África. Mais tarde, o Capitão BRITO e FARO, depois de louvado pela Região Militar de Angola, foi substituído pelo Cap. miliciano DÓRIA, natural da Covilhã.

Este novo "herói" continuou e aperfeiçoou o estilo do seu antecessor,alcançando até a glória de ser lembrado por uma frase característica: "preto amigo ou inimigo que entre neste quartel, não sai vivo." Um dia o exército saíu e feriu uns Africanos que estavam a trabalhar na lavra. Foram levados para o quartel para serem tratados. Esse capitão DORIA disse aos cabos: "A um arramque-lhe o coração pelas costas, ao outro pelo peito."E as ordens foram cumpridas.

Nesse mesmo dia, destruíu uma sanzala pelo fogo, matando cerca de 60 pessoas (mulheres, velhos e crianças), e prestes a destruir uma outra, só não o conseguiu devido à oposição de um dos oficiais subalternos que o acompanhavam. Foi esta operação, aliás habitual na sua actividade, que motivou a sua denúncia, por dois oficiais inferiores.

O Estado Maior instaurou-lhe um processo - cujos resultados continuam a ser desconhecidos, e entretanto, depois de beneficiar de todas as atenuantes possíveis, foi nomeado responsável pela acção psico-social da zona...

Actualmente está em Sá da Bandeira, afastado da zona de batalha e do local onde se verificaram estes acontecimentos, para beneficiar do esquecimento e possuir assim uma camuflagem mais segura. E assim se vê como um dos principais criminosos de guerra Portugueses, resposável pelas torturas mais bárbaras e pelos crimes mais repugnantes, beneficia da protecção do Exército e do Governo, campeões do "humanismo", da sociedade pluri-racial, da defesa dos valores do mundo livre,etc..

Entre os principais acusados nesse "processo", figurava o alferes Armando Oliveira, que morreu, mais tarde, num desastre de aviação em Portugal.

1967. Porto do Luso

A unidade estacionada dos"Dragões" chegou a chacinar 100 homens por dia.

1968 (meados). Terreiro

O comandante da Companhia chacinava indivíduos com a colaboração das autoridades civis.

1968/69. Henrique de Carvalho

Há um chefe de brigada da PIDE de nome ALVES, que interroga os presos utilizando as seguintes torturas:afogamento (o prisioneiro tem a cabeça debaixo de água; quando está prestes a sufocar é retirado, e assim pordiante, até à morte); arranque dos olhos (depois põe os olhos na mão do prisioneiro e manda-o embora);corte de membros (corte de pulsos quando as algemas não saem) e outras partes do corpo, etc..

1968/69. Teixeira de Sousa

Actual comandante de Companhia, Magalhães. Na sua primeira acção importante chacinou 200 Africanos na fronteira. Foi louvado.

1968(Dezembro). Lumege

Foram recuperadas 17 mulheres que tinham fugido das casas por motivo de guerra; foram todas violadas pelos soldados. Uma rapariga de 14 anos,virgem, foi violada, no mesmo dia,por 17 soldados dos "Comandos".

O violar mulheres é um "pão nosso de cada dia", com a colaboração dos oficiais milicianos e da população civil branca. Consoante o interesse físico que elas despertam, as prisioneiras de guerra servem,habitualmente, para consumo dos oficiais, sargentos ou soldados.

1969 (Janeiro). Lumege e Dilolo

Acção especial, ao nível de várias Companhias: foram mortos 50 elementos da população civil, sem a manor ligação com os guerrilheiros,que se tinham refugiado na selva com medo dos soldados.

*** ***

Sabe-se da existência, no sul de Angola, de campos de concentração,campos de trabalhos forçados, de tortura, etc..

A PIDE, chefiada pelo facínora São José Lopes, exerce um domínio total na actual guerra de Angola, e os seus membros evidenciam-se por ume extrema crueldade; entre os actuais agentes da PIDE, os mais sanguinários, e por isso os que normalmente se encarregam das torturas, são os chamados "SETAS", negros que pertenceram antigamente a movimentos de libertação.

Esta traição não nos deve admirar,na verdade, ainda em 1967, na zona dos Dembos, a UPA (1) e o Exército Português deixavam mensagens na "picada"denunciando a passagem dos guerrilheiros do MPLA.

*** ***

Os factos transcritos falam por si. Para quê comentários?

*** ***

(1) - Movimento chefiado por holden Roberto, e subsidiado pelo capitalismo Americano.

LUTA de CLASSES em ITALIA

Para o actual Governo o desenvolvimento da indústria aparece como medida essencial para a passagem à democracia burguesa.

O aumento da produtividade industrial é o trunfo que poderá garantir à burguesia Portuguesa a entrada no circo dos exploradores imperialistas. Até hoje, parentes pobres do capitalismo internacional, dominadores e dominados, lacaios dos interesses do dólar, da libra, do Marco, etc., os patrões Portugueses tentam valorizar a sua posição internacionalmente.

O desenvolvimento da indústria vai criar novas camadas de operariado jovem, disponível e preparado para a luta. Para a educação desse operariado é fundamental explicar-lhe experiências revolucionárias do proletariado.

Apesar da grande distância estrutural que separa a Itália de Portugal, julgamos útil a publicação de excertos de textos elaborados por operários e estudantes em Turim, referentes às greves da FIAT (1), e que constituíram a base essencial da luta revolucionária Italiana nos últimos meses.

As características do movimento em Itália parecem ser as mesmas de toda a extrema-esquerda internacional: a falta de organisação, a ausência de partido que consiga enquadrar e desenvolver qualitativamente as lutas de massas. Seja como fôr, as experiências ficam e servem hoje de exemplo e reflexão ao movimento revolucionário mundial.

(...) "Sexta-feira 23, primeira equipa:

Nós fazemos as duas horas de gréve como previsto. Depois duma discussão, decidimos prolongar a greve até às 14,30. Eis o que nós dizemos: O nosso objectivo não são as 50 liras, mesmo se elas nos fazem geito; o nosso objectivo é organizar os operários de maneira permanente; assim poderemos bater o patrão não importa quando. Não queremos saber de democracia: já há 25 anos que nem se sabe o que é a democracia e que não nos ligam nenhuma. É preciso que nós nos organisemos. Os sindicatos, somos nós. Não há arma mais forte que a classe operária quando ela está organisada e unida." (...) "Nós dizemos: 'Se nós estamos unidos e organisados, nós mijamos quando queremos, comemos quando queremos, e trabalhamos quando e como quisermos.' E a seguir damos a prova: a produção baixa de 3.500 a 1.300 peças. Os chefes têm medo de vir dar-nos ordens. Nós dizemos também: 'Se nós fizémos greve ontem, mas o chefe não perdeu nada do seu poder, é porque nada mudou. 'É preciso continuar a luta, ninguém deve abandonar." (...) "É preciso atacar quando o inimigo está fraco." (...) - 26 de Maio de 1969. (Feito por operários e estudantes)

LUTA CONTÍNUA

"Quinta feira, dia 3, Turim estava em greve: uma greve simbólica para o sindicato, aqui com um comité acolá com um pedido de assinaturas.

Mas para os operários era um dia de luta, uma ocasião para alargar para o exterior a luta que, em 50 dias, tinha triunfado em Mirafiori (2), Lingotto, Rivalta.

(...) Para isso juntaram-se milhares de operários e de estudantes diante de Mirafiori para formar um cortejo, e nessa altura a polícia começou em força, violentamente. Não se queria que saísse da própria FIAT um cortejo operário, com a sua potência de luta, directamente no bairro operário de TURIM, para comunicar a todos o que os jornais — da "Stampa" (3) ao "Unitá" (4) — tinham até agora, cuidadosamente, mantido no silêncio, os objectivos duma luta explosiva, na FIAT, desde há semanas, ultrapassando completamente o sindicato, com novas formas de luta e com uma organisação autónoma.

As cargas da polícia (coronha de espingardas, gases lacrimogéneos, casse--têtes), os operários e os estudantes respoderam com pedras e barricadas. E aconteceu o que Agnelli (5) e a polícia mais receavam: as pessoas do bairro entraram, em massa, na luta, batendo-se, lado a lado, com os operários e estudantes." (...) 4 de Julho de 1969 (Operários e estudantes)

OS PIOLHOS E A BALEIA

Nestes dias, as entradas de Mifafiori tornaram-se numa verdadeira feira. Há de tudo: sindicalistas, pessoas do PCI, garotos vestidos de vermelho, polícias vestidos de verde, etc....

Todos fazem concorrência aos vendedores ambulantes, todos fazem propaganda da sua mercadoria.

Os sindicalistas: quando os operários lutaram, não tiveram coragem para aparecer. Hoje, que pensam que a luta acabou, vêm em força. Tentam infiltrar-se nas fileiras dos operários que estavam na frente da luta. Tem-se a impressão que eles dizem: 'Vocês fizeram uma fuga, mas perdoamo-vos se vocês voltarem para debaixo das saias do sindicato.'

O Partido Comunista Italiano: está sempre fora das lutas. Também lhe acontece dizer que os proletários que se bateram no dia 3 de Julho eram 'agentes irresponsáveis e provocadores' (hoje, estes mesmos operários acabam de ser condenados por um tribunal burguês). Ei-lo que nos vem contar que as lutas decididas e dirigidas pelos próprios operrários são perigosas porque os patrões podem usar a repressão! Ele vem acusar-nos de sermos 'grupos estranhos à fábrica!' Mas ele não explica como estes 'miseráveis grupelhos' conseguiram conduzir uma luta tão longa e tão violenta como a que nós conduzimos durante estes dois últimos meses.

Em resumo: o PCI quer entrar no Governo, e deve dar sempre provas claras da sua respeitabilidade burguesa. As lutas das massas que troçam das leis do patrão são um obstáculo ao progresso do PCI. Eis porque o PCI se torna num cúmplice da repressão, eis porque colabora no isolamento das vanguardas operárias e estudantis e se põe a berrar ao perigo fascista.

Os polícias: mostram-se cada vez mais. No dia 3 de Julho, tiveram muito trabalho a bater-se e a lançar granadas em nome de Agnelli e do Estado. Agora, vêm lembrar-nos o que são. Se os operários voltam às fileiras e recomeçam a obedecer aos sindicatos, tudo vai bem, se não, é o casse-tête.

Os "marxistas-leninistas": durante as lutas, ninguém os viu. Hoje, vêm experimentar tirar castanhas do lume, como os abutres. Fazem belos discursos revolucionários, mas o que eles procuram é distribuir cartões do partido e vender jornais. Não passam de pequenos burocratas, concorrentes do PCI e dos sindicatos.

Os fascistas: vêm fazer provocações sob a protecção benévola da polícia, sem nenhuma reacção dos sindicatos. Provocam o combate com os estudantes e os operários mais activos, para permitir que os polícias, o PCI e os sindicatos falem de uma 'luta entre extremistas', e se apresentem como árbitros imparciais.

Os sindicalistas, os burocratas do PCI, os falsos 'marxistas-leninistas' os polícias e os fascistas, têm todos uma característica comum: têm um medo terrível da luta operária, da capacidade que os operários têm de mandar passear o patrão e os seus lacaios, para eles próprios decidirem e organisarem a luta tanto dentro como fora da fábrica.

Nós dizemos tudo isto, porque estávamos às portas da fábrica antes da luta. Nós estivémos lá durante a luta, os operários lá dentro os estudantes no exterior, e aí continuaremos. Hoje, as saídas estão atravancadas com estes senhores todos. É um sinal de que nós lhe fizemos medo. Hoje, eles chegam todos para tentar recuperar os frutos de uma luta que eles pensam terminada. Mas na realidade o "cadáver" da luta operária continua sempre vivo. E eles hão-de aperceber-se disso.

Alguém dizia que mesmo a baleia tem piolhos. A luta de classes é uma baleia, os polícias, os burocratas do partido e dos sindicatos, os fascistas e os falsos revolucionários, são os piolhos.
— 11 de Julho de 1969 (Operários e estudantes)

● ● ●

Em Agosto, as férias foram uma oportunidade para trabalho político; os trabalhadores do sul levaram para as suas aldeias jornais que explicavam as lutas na FIAT e a sua significação política.

Pelas informações que se receberam, a luta continua e radicaliza-se; a repressão abate-se sobre os operários, mas estes aprendem novas formas de luta e preparam a vanguarda, seleccionada no combate, que dirigirá os futuros ataques ao Capitalismo Italiano.

(1) - FIAT: um gigante do capitalismo mundial; os seus interesses tocam quase todos os países, indo da Argentina à União Soviética.
(2) - A maior das 26 fábricas da FIAT de Turim.
(3) - Jornal que pertence à FIAT.
(4) - Jornal do PCI (partido Comunista Italiano)
(5) - Patrão da FIAT.

A luta revolucionária dos PALESTINIANOS

"Extratos de uma entrevista dada por um camarada palestiniano:

Na região do Médio Oriente escrevem-se neste momento algumas das páginas mais violentas da história moderna da luta de classes e do combate ao imperialismo. Essas páginas são escritas com o sangue dos nossos camaradas palestinianos na sua luta de armas na mão pela libertação da Palestina ocupada e explorada pelo estado racista, colonialista e imperialista de ISRAEL.

O Estado de Israel é um Estado criado em 1948 imposto pela força pelos imperialistas como base imperialista no Médio Oriente para aí assegurar os interesses capitalistas internacionais e controlar as massas Árabes. Foi o que se pode chamar uma operação de alto gangsterismo internacional: o povo palestiniano foi desalojado pela força das suas casas, despojado pela força das suas terras. Os isralianos aí instalados beneficiaram da aprovação e o encorajamento activo das grandes potências capitalistas Estados Unidos, Inglaterra, França, etc., e dotados de um exército cada vez mais reforçado conseguiram impôr a sua lei, a lei de um Estado racista, colonialista, ao serviço do capitalismo.

A resistência palestiniana durante longos anos controlada pelos regimes árabes burgueses, de senhores feudais vassalos dos americanos e ingleses, ou de camarilhas militares oportunistas, encontrou-se deste modo paralizada para um qualquer sucesso na sua luta de libertação. Em 1967 o Estado de Israel lançando-se numa guerra de destruição nos Estados Árabes da Síria, Jordania e Egipto e ocupando largos territórios num estilo de estratégia nazi colonialista revelou às massas àrabes e aos palestinianos em primeiro lugar a fragilidade e a política de abandono dos regimes árabes burgueses e de camarilhas militares, aliados objectivos do imperialismo e do Estado de Israel. A partir dessa altura a resistência palestiniana passou a tomar outras formas de organização independente dos regimes Árabes traidores e a organizar activamente a luta de libertação da Palestina. A partir dessa altura todas as semanas nós sabemos de sucessos de uma resistência palestíniana valorosa e determinada na sua luta. O Estado de Israel obrigado a uma defensiva sem saída tem os seus dias contados.

Na resistência palestíniana podemos contar várias organizações "AL FATAH" "Forças de Libertação Popular" - "F.P.D.L.P." "SAEKA" e F.P.L.P.". Estas organizações encontram-se unidas à cabeça na "O.L.P." - Organização de Libertação da Palestina, espécie de Frente Unida que, não impede que cada organização conduza a luta com métodos próprios e independentes. Destiguem-se sobretudo " AL FATAH" e "F.P.D.L.P.". A primeira criada em 1956, é a de maior número de militantes, a de melhor equipamento militar, e a mais conhecida em parte pelo lado espectacular das suas operações, sobretudo por ter iniciado a guerra popular armada da resistência palestíniana. Ideologicamente confina-se numa luta de libertação popular puramente nacionalista, sem teoria política definida que não seja a da criação do Estado independente da Palestina Ou seja: um anti-imperialismo sem luta de classes, o que para nós, marxistas - - leninistas é uma completa aberração.

O "F.P.D.L.P." - Frente Popular Democrática de Libertação da Palestina - apresenta-se como um partido marxista - - leninista e existe oficialmente constituido dos começos de 1969. Menos forte em número de militantes e em equipamento que "AL FATAH" está todavia mais bem organizado e enraizado nas massas graças à aplicação de autênticos principios m-l., à ausência de sectarismo e à primazia dada ao trabalho político. Na sua base actual de luta os objectivos do "F.P.D.L.P." são de formar militantes ao mesmo tempo combatentes militares e políticos, cuja actividade em grande parte trata da educação cultural e social das massas numa optica revolucionária. Seja: acção militar e agitação política entre a população dos campos com quem partilham a vida e o trabalho. Por outro lado consagram várias horas por dia a discussão política entre militantes, à analise das várias revoluções socialistas ou movimentos revolucionários, à auto-critica e à discussão da sua própria revolução palestiniana.

A maioria dos militantes é de origem camponesa ou operária, o resto de origem estudante ou de profissões liberais e em média de idade bastante jóvem.

A sua estratégia de luta é a guerra popular prolongada e os seus sucessos demonstram-nos a justeza dos métodos e dos principios marxistas-leninistas.

"A "Frente Popular Democrática para a Libertação da Palestina"-FPDLP- adere ideológicamente ao marxismo-leninismo. A experiência dos movimentos de libertação nacional nos países sub-desenvolvidos prova que o marxismo-leninismo é a unica ideologia capaz de mobilizar e de preparar as massas para a luta de libertação nacional e de alcançar os fins da revolução democrática nacional. Cuba, o Vietnam, a Coreia e a China constituem os exemplos vivos desta via. Ao mesmo tempo os movimentos baseados na ideologia burguesa falharam na sua luta contra o neo-colonialismo e os seus aliados, as classes reaccionárias. Os pequenos-burgueses também se mostraram incapazes de prosseguirem o combate até aos objetivos da libertação nacional: a independência política e económica, e a industrialização intensiva. Eles são incapazes de combater o neo-colonialismo dirigido pelos Estados-Unidos e adoptam por conseguinte um programa que consiste em recuos e procurar arranjos traidores com os Estados Unidos da América.

O imperialismo americano passa por um período extremamente difícil, dado que as suas forças estão divididas entre a Europa e o Vietnam. Abrir uma frente de combate contra ele no médio-Oriente esgotaria as suas possibilidades e aceleraria a sua derrota como potência mundial.

Partindo da sua posição marxista e duma análise concreta da natureza dos movimentos de libertação nacional do terceiro mundo, a "Frente Popular Democrática para a linertação da Palestina" afirma que a unica vanguarda capaz de levar as massas para a libertação são os marxistas revolucionários que adoptam a luta armada como via fundamental para a libertação e que lutam para a mobilização e o armamento das classes mais revolucionárias da sociedade: os operários e os camponeses sem terra.

Nós lutaremos sem descanso para a edificação de uma frente revolucionária mundial compreendendo os movimentos de libertação nacional do terceiro mundo, o campo socialista e os movimentos socialistas revolucionários dos países capitalistas".

Greve na "V O L T A"

À excepção de um dois jornalistas, todos os outros profissionais da Imprensa demonstraram, sem dar azo a confusões, sua vocação para PIDES e CÉES de guarda do capitalismo.

Estes senhores, que nos encheram a cabeça de inflamada prosa a favôr do desportivismo, da dignidade do profissional, etc., etc., não repararam (ou talvez tenham reparado, e por isso se tenham "indignado" tanto" que a greve dos ciclistas não é senão mais um sintoma claro da crise social e económica com que se debate a burguesia Portuguesa.

"O que ganhamos não chega para ter mulher e filhos", disseram os corredores. O que quer dizer que não ganham o salário mínimo para que possam viver decentemente.

A greve foi seguida por todos, todos obedeceram ao acordo táctico e secreto que foi estabelecido entre eles. O que demonstra que se tratava duma reivindicação de classe que interessava a todos.

E eis que a célebre UNIDADE "tão difícil de conseguir", segundo os democratas e os reformistas do P."C"P. - - Cunhal foi conseguida!

A lição que os ciclitas nos deram, é clara: a vitória consegue-se quando a classe está unida, e para isso é necessário lutar por reivindicações concretas.

Como última nota, não podemos deixar de sorrir irónicamente quando pensamos que a burguesia foi posta em cheque, precisamente pelos homens que ela utilisa constantemente para "distrair" o povo - o que quer dizer, evitar que os trabalhadores pensem nos seus problemas fundamentais e substituam as suas preocupações pela admiração e alegria diante dos ídolos dos estádios, chamem-se eles Eusébios ou Agostinhos.

Virou-se o feitiço contra o feiticeiro!

L'ALGERIEN EN EUROPE, nº 84 (14 Juillet 1969)

"Viu-se que mesmo antes da reunião dos Governos militares em Aburri (Ghana), o Tenente-Coronel Ojukwu tinha procedido a importantes compras de armas, de munições, e mesmo de aviões.

Os fornecedores mais conhecidos eram os traficantes de armas Pierre Lorez (francês) e o Capitão Henry Hank Wharton (americano, de origem alemã), um e outro dirigindo o seu tráfico a partir de Lisboa, pelas ilhas de São Tomé e Fernando Pó, ou pelo aeródromo de Libraville, no Gabão via Abidjam.

O Capitão H.H. Wharton estabalece o seu quartel-general, com conhecimento das autoridades portuguesas, no quarto 228 do Hotel Tivoli.

Utilizando quatro DC6 e três Super-constellation, encaminhou para o Oriente da Nigéria quantidades enormes de armamento e de munições."

EDUARDO CRUZEIRO continua em perigo. A sua extradição foi decidida, como anunciámos no nº 3 do nosso jornal em Junho, em Madrid. Deve ser entregue ao Gov.Português durante o mês de Dezembro, correndo o risco de pena de morte na medida em que é um desertor da guerra Colonial.

INTENSIFIQUEMOS OS NOSSOS ESFORÇOS PARA A SUA LIBERTAÇÃO!

Camarada:

Informa-nos da situação do teu lugar de trabalho, do montante do teu salário, das tuas perspectivas revolucionárias.

Organiza círculos de distribuição de " O COMUNISTA ".

Elabora artigos e críticas ao jornal.

CORRESPONDÊNCIA DOS NÚCLEOS

dum militante recebemos:

"Camaradas,

Por intermédio do vosso jornal "O COMUNISTA" nºs.1,2,3 e cartaz especial 'eleições', e depois de os ter lido e relido, voltei a pensar nos problemas do nosso país na medida que estava saturado de tanta propaganda "oposicionista" que nunca levou a nada especialmente do P."C".P.. O vosso jornal levou-me a descobrir outras perspectivas de luta, descobrindo ao mesmo tempo em mim que afinal não me aburguesei e ao contrário procuro a formação dum núcleo com camaradas que conheço, para isso agradecia que me enviassem a vossa propaganda. De momento não procuro fazer críticas ao jornal como os camaradas pedem, porque tenho ainda muito que aprender, pelo que me reservo. Acrescento no entanto que penso que tudo o que escrevem vem de encontro aos desejos do povo."

Cotisações dos núcleos. "O COMUNISTA"

Operários e camponeses ...	820$00
Pelo marx-leninismo .....1.	500$00
Armas na mão	370$00
Revolução	700$00
Liberdade	400$00
Flores vermelhas	470$00
Poder do Povo .....1.	200$00
Abaixo o fascismo	550$00
Um grupo operário	300$00
Venda de imprensa .....2.	000$00

Como já dissemos no nº. 3, aconselhamos todos os núcleos "O COMUNISTA" que se formaram, organisarem uma caixa própria com as cotisações dos seus elementos. Essas caixas assim formadas, constituirão uma reserva indispensável para o desenvolvimento da nossa actividade.

Dadas as nossas dificuldades económicas, a imprensa tem de ser toda vendida. Só assim conseguiremos obter o dinheiro necessário para o nosso trabalho futuro.

UM ERRO

Na introdução a "Socialismo e Religião", de Lenine (publicação integrada na nossa colecção TEXTOS MARXISTAS), saíu a seguinte gralha: "No dia 19 de Março de 1959, em Paris, Monsenhor Marcel Lefebvre proferia as seguintes palavras: 'Salazar é um homem excepcional, admirável, profundamente cristão.'"

Na realidade, essa bela intervenção de apoio e louvor a Salazar verificou-se há muito menos tempo: em 19 de Março de 1969.

O erro tem importância, porque em 1959 a burguesia Portuguesa ainda não tinha começado a exercer, abertamente, a sua política de genocídio e massacre das populações Africanas, confirmando, assim, a sua política de opressão dos trabalhadores Portugueses.

Parece que, para Monsenhor Lefevbre, nem a utilização do NAPALM e de bombas contra populações indefesas, significa um abandono do espirito piedoso e cristão...

Do engano indicado pedimos desculpa aos camaradas.

LÊ "TEXTOS MARXISTAS"

"Opapel do trabalho na Transformação do macaco em homem";ENGELS;
"A nossa estratégia da guerrilha" NGUYEN VAN TIEM;
"Manifesto do Partido Comunista"- MARX e ENGELS;
"Socialismo e Religião"-LENINE;
"As três origens-as três partes que constituem o marxismo"-LENINE;
"Democracia burguesa e ditadura do proletariado"-LENINE;
Asaír:
"Crítica ao programa de Gotha"- K.MARX;
"Estado e Revolução"-LENINE;
"Principios elementares de filosofia"-POLITZER;
"Que fazer?"-LENINE;
Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica Alemã"-F.ENGELS.

HO CHI MINH

Camarada Ho Chi Minh, a luta continua!

No dia 4 de Setembro de 1969, morreu Ho Chi Minh. Dia de luto para os revolucionários de todo o Mundo, dia de luto para todos os homens que combatem a política de opressão do capitalismo e que querem construir um Mundo novo, baseado na igualdade e no fim da exploração do homem pelo homem.

A história do antigo Presidente da República Democrática do Vietnam do Norte, confude-se com a história do povo do Vietnam. Camarada de Lenine em 1920, na Internacional Comunista, funda em 1930 o Partido Comunista Indochinês; em 1941, cria a frente para a Independência do Vietminh, lutando contra a ocupação Japonesa. A guerra termina com a derrota do Japão, e em 1946, Ho Chi Minh proclama uma República democrática popular; era o começo da guerra contra outro ocupante, os Franceses. Essa guerra termina em 1954 com a vitória do povo Vietnamita, depois da queda da base militar Francesa de Dien-Bien-Phu(7 de Maio de 1954).

São assinados, nesse ano, os acordos de Genebra, que prevêm a partilha do Vietname, proibindo qualquer acréscimo do auxílio militar prestado a um e a outro campo.

Diem é nomeado presidente do Vietname do Sul, e outro ocupante vem substituir os Franceses: Os Americanos.

As injustiças da administração Diem sucedem-se, e o povo volta a organizar-se, em armas, lutando pela sua libertação. O auxílio dos Estados Unidos não se faz esperar: "conselheiros" americanos começam a enquadrar as tropas do Governo do Vietname do Sul, e a repressão aumenta e torna-se feroz.

Em 1960 é criada a Frente Nacional de libertação do Vietnam do Sul, dirigida por um advogado de Saigão, Nguyen Hun Tho, então preso e que em breve seria libertado pelos guerrilheiros.

Daqui aos nossos dias, a sucessão dos factos é simples: golpes de Estado no Vietname, criação dum comando militar Americano, alargamento da zona de influência dos guerrilheiros, bombardeamentos constantes contra as populações do Vietname do Norte e derrota militar Americana.

Hoje, a situação é clara: o governo fantoche de Saigão estaria derrotado há muito tempo, se não fôsse o apoio económico e militar dos Estados Unidos.

Mas não há apoio militar suficiente para conter a revolução popular; e, hoje os imperialistas americanos são forçados a aceitar a derrota. O país mais poderoso do mundo perdeu a batalha contra o povo do Vietname.

Como foi possível? A explicação é-nos dada por NGUYEN VAN TIEM, do comité Central do F.N.L., no estudo "A nossa estratégia da guerrilha"(1): enquadramento político da população, e passagem à luta armada.

Na luta contra o exército Americano, nunca faltou aos guerrilheiros o apoio do Vietname do Norte: " a nossa luta só terminará quando todo o Vietname estiver libertado", disse Ho Chi Minh.

A extraordinária resistência e perseverança do povo Vietnamita, é personificada pelo "tio" Ho, combatente infatigável, sempre na primeira linha contra o poder burguês. Meio século de lutas revolucionárias, a reorganização do Vietname do Norte o apoio à revolução do Vietname do Sul e o traçado do caminho para o socialismo são as heranças de Ho Chi Minh.

Ele diz, no seu "testamento político", publicado pelos actuais dirigentes do Vietname do Norte:

"Na luta patriótica contra a agressão americana, nós teremos ainda muitos incómodos e sacrifícios, mas temos a certeza de conseguir uma vitória total. É uma certeza absoluta. (...) A partir da estreita unidade e de abnegação total da classe operária, do povo e da pátria, o nosso partido está em condições desde a sua fundação, de se unir, se organizar e de conduzir o nosso povo numa luta ardente, e de o levar de vitória em vitória.

A unidade é uma condição extrêmamente preciosa para o nosso partido e para o nosso povo (...)

Conseguir uma larga democracia dentro do partido, e praticar a auto-crítica e a crítica regular e sèriamente é a melhor maneira de consolidar e desenvolver a união e a unidade de pensamento no partido. (...) O nosso povo vencerá com certeza. Os imperialistas americanos deverão ceder . A nossa pátria será reunificada. Os nossos compatriotas do Norte e do Sul serão reunidos sob o mesmo teto. O nosso país terá a grande honra de ser uma nação pequena que terá, através dum combate heróico, vencido dois grandes imperialistas - o francês e o americano - e trazido uma contribuição digna ao movimento de libertação nacional. (...)

O meu último desejo é que o partido e o povo continuem estreitamente unidos no combate pela edificação dum Vietname pacifico unificado. independente, democrático e próspero, e tragam uma contribuição digna à revolução mundial."

Hanoi, 10 de Maio de 1969"

A perda de um revolucionário, é sempre um prejuízo para a revolução mundial, mas quando o povo luta decididamente pela sua libertação, não é o desaparecimento dum homem que o vai fazer parar. Por isso nós poderemos afirmar que a luta no Vietname continuará, e que os americanos serão definitávamente escorraçados. Nesse dia, de grande alegria para os revolucionários de todo o Mundo, um povo corajoso dará uma grande lição aos outros povos: a liberdade e a independência só se conseguem utilizando a violência revolucionária, não há "negociações" com quem nos quer roubar e assassinar. É caro o preço que o povo do Vietname tem de pagar pela sua liberdade: um país destruido e milhares de mortos. Mas este preço vale a pena se conduzir à verdadeira emancipação da humanidade e constituir um exemplo para os trabalhadores de todo o mundo na sua luta contra o capitalismo.

Quando os trabalhadores abandonarem as ilusões reformistas e se unirem num combate decidido contra o poder burguês, este estará definitávamente aniquilado. E então ver-se-à que valeram a pena todos os sacrificios do povo Vietnamita e de todos os trabalhadores que lutam, há séculos incansàvelmente, contra a exploração.

Pela nossa parte, julgamos que a melhor homenagem que se pode prestar a HO CHI MINH é a de seguirmos o seu exemplo de militante revolucionário, propagarmos as ideias do socialismo e acendermos as chamas da Revolução no nosso país.

Camarada HO, a luta continua!

---

(1) - Publicado na colecção " TEXTOS MARXISTAS"